

**Q**uem quiser se esconder da Constituinte, procure o plenário.

Os debates, programados por matérias, somente conseguem mobilizar os próprios oradores previamente ajustados aos temas, e um ou outro parlamentar interessado especialmente no assunto, ou distraído, que vê o plenário iluminado e resolve ocupar uma das poltronas.

Para instalar as sessões, é suficiente um número de "presentes na Casa", segundo o Regimento, número esse que é fornecido pelas portarias dos anexos II e IV e, evidentemente, somados ao que o controle da entrada principal do Congresso registrou.

Quando o presidente anuncia que "estão presentes tantos senhores constituintes", a sessão é instalada, ainda que em plenário estejam apenas o que preside a sessão e um dos oradores inscritos. Como é indispensável um secretário para leitura da ata da sessão anterior, algumas vezes o único orador presente é chamado para secretário *ad hoc*. Este, lê a ata e corre para a tribuna, ao mesmo tempo que o presidente o anuncia como orador.

É certo que um parlamentar, em questão de ordem, pode chamar a atenção da Mesa para a falta de quórum, ou na dúvida, requerer ao presidente, ou este, *ex-officio*, determinar ao secretário a verificação. Ai, a sessão pode ser encerrada com a costumeira declaração regimental de que "não há quórum para a continuação dos trabalhos".

Este introito é feito para explicar ao leitor como e por que o plenário fica vazio, enquanto a Constituinte funciona de fato em locais os mais diversos, dentro e fora do edifício do Congresso. Diria mesmo, especialmente fora do edifício do Congresso, ou seja, no apartamento de alguns deputados, na residência do presidente Ulysses Guimarães, numa das salas de reuniões do Banco do Brasil ou no Retiro dos Padres Salesianos. Neste último local passaram a realizar-se as reuniões do grupo orientado pelo senador José Richa, a partir do momento em que houve a conjunção com a ala do deputado Euclides Scalco. As ligações da Igreja Católica são maiores com o deputado Scalco, e as reuniões conjuntas realizadas no Retiro foram conseqüência do entendimento entre os dois parlamentares. Aliás, entendimento sem dificuldade, pois Scalco, embora ligado a Ulysses Guimarães, é muito mais amigo de Richa, ao qual serviu como secretário de Estado e pelo qual chegou a ser indicado, embora sem sucesso, a Tancredo e, depois, a Sarney, para os Ministérios da Saúde ou da Previdência Social.

Quando observei a existência dos dois grupos com Richa e Scalco a liderá-los, logo imaginei o encontro das águas, o que realmente ocorreu e resultou no chamado grupo in-

terpartidário, por ter sido reforçado por constituintes de outras legendas.

Foi um jogo hábil, previamente planejado.

Scalco, de esquerda (esquerda católica), e Richa á direita. Scalco, amigo dos bispos, interlocutor constante da CNBB e dos padres perseguidos na ditadura, como Gorio. Richa, ligado aos militares e, especialmente, ao ministro do Exército, Leônidas Pires Gonçalves, que serviu na Região Militar de Curitiba, no período do seu governo no Paraná. Aliás, quando da análise dos nomes para a escolha do ministro do Exército, ainda na fase Tancredo, Richa trabalhou pelo general Leônidas e fez com que o governador Montoro também influísse nessa indicação.

Tancredo recebia, na época, ainda com os comícios em praça pública, em qualquer lugar do País, os dados relativos a cada um dos 13 membros do Alto Comando, o "período da expulsória", os nomes dos pa-

20 AGO 1987

Constituinte



Os trabalhos correm por fora DA TARDE

Freitas Nobre

ANQ  
P5

rentes, as preferências, os hábitos, as atividades ociais, informações sempre atualizadas. Era na sede da agência do Banco do Estado do Pará, em Brasília (Jáder Barbalho era o governador do PMDB naquele estado), que os contatos se realizavam com oficiais do Estado-Maior e com a cortesia de amplas salas no 5 andar do edifício, reservadas pelo seu gerente, dr. Burlamarque, para os

importantes encontros com um emissário especial de Tancredo.

Ele não podia realizar pessoalmente esses contatos, até porque os repórteres não o largavam dia e noite.

A realização das tarefas mais importantes da Constituinte, fora do Congresso, se assemelha aos trabalhos preparatórios do Colégio

Eleitoral e da formação do Ministério. Vez por outra, tanto Tancredo quanto Ulysses preferiam o disfarce de uma das salas da Biblioteca da Câmara, tão à vista de todos, e não sei qual deles observava que as amantes colocam as cartas perigosas na caixa de costura sobre a mesa, local insuspeito para qualquer verificação.

Mas deputados, como Paulo Delgado, não se conformam com esse deslocamento da Constituinte para dependências fora do Congresso, chegando o parlamentar mineiro a dizer que "o projeto está sendo feito de costas para os constituintes".

Hoje, quinta-feira, no entanto, o relator estará reunido com os líderes partidários, procurando o consenso para o substitutivo que, em grande parte, já foi obtido nas reuniões fora do Congresso, restando alguns artigos polêmicos que, provavelmente, ficarão para votação em plenário, como o sistema político, o mandato, a reforma agrária e o voto distrital.

Mas o que está valendo muito é o rolo compressor dos governadores sobre as bancadas. O próprio governador Orestes Quêrcia reconheceu, quando da reunião de Recife, que "os governadores já estão em plena execução do lobby junto aos constituintes". Este é, sem dúvida, o grupo mais influente junto à Constituinte e que, aliado ao chamado "grupo do Diário Oficial" (da União e dos Estados) torna-se ainda mais poderoso.

O que o grupo interpartidário acertou, será provavelmente consagrado na votação do substitutivo Bernardo Cabral, pois para aprová-lo, aceitando ou rejeitando emendas, são suficientes 47 votos num universo de 93 parlamentares. E nessa comissão, vale o voto da maioria simples, ou seja, de metade mais um dos constituintes.

A Constituinte realmente corre por fora e vários parlamentares protestam porque sabem que são poucos os que estão por dentro...